

Estudo do Desenvolvimento da Criança para Auxílio no Design de Brinquedos

Study on the Children Development to Assist the Toy Design

Stolf, Anna Paula; Graduanda e Bolsista do PET *Design*; CEFET/SC

naan87@gmail.com

Biava, Lurdete Cadorin; M. Sc.; CEFET/SC

lurdete@intercorp.com.br

Santos, Rodrigo Golçalves dos; Doutorando; CEFET/SC

rodgonca@gmail.com

Resumo

Proposto pela equipe do Programa de Educação Tutorial (PET) de *Design* do CEFET/SC, este artigo fundamenta um projeto de brinquedos que prioriza estimular o desenvolvimento da linguagem infantil de forma criativa, abordando a questão das palavras, das falas e das atitudes da criança em meio à sociedade. Temas referentes ao instinto da linguagem e à educação infantil, bem como ao estudo do processo de desenvolvimento da mente da criança com seus brinquedos e brincadeiras, são aspectos relevantes para esse projeto, pois é a partir disso que os pequenos ampliam suas experiências e são inseridos no meio social.

Palavras Chave: criança; linguagem; educação.

Abstract

Proposed by the group Programa de Educação Tutorial (PET) of Design from CEFET/SC, this paper bases a toy project giving preference on stimulating the development of the infantile language by a creative way, embracing the matter of the words, the speeches and the attitudes among society. Topics referring to language instinct and to infantile education, as well as the study of the growth process in the kids' mind with their toys and games are important aspects to think this project, because this is the trigger to children expand their experiences and to be inserted in the social environment

Keywords: children; language; education.

Introdução

Este artigo fundamenta o projeto de pesquisa desenvolvido pelo grupo PET *Design* do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - CEFET/SC sobre *design* de brinquedo. Ele abrange pontos referentes à inserção da criança na sociedade e como ela começa a perceber o mundo, explorando os seus primeiros contatos com ele e o desenvolvimento da sua linguagem.

O projeto tem o objetivo de acrescentar ao brinquedo aquilo que os adultos costumam bloquear na criança: a sua capacidade de invenção e de criação puras, sem contrapartida com alguma responsabilidade social ou política ou qualquer outra que pode censurar a expressão da linguagem.

Alguns autores citados no decorrer do artigo defendem a idéia de que a criança é espelho do que vê no meio social em que se desenvolve; outros questionam se ela tem o poder de criticar os meios de comunicação e as ideologias dominantes expostas para seu aprendizado.

Tanto na primeira, quanto na segunda tese, a necessidade de comunicação é o que impulsiona a criança a pensar e a fazer escolhas. E como brinquedos e brincadeiras são suas primeiras ferramentas de comunicação, aqui, discute-se como eles podem auxiliar no desenvolvimento da mente da criança sem se esquecer da importância da educação e do desempenho que esses brinquedos devem oferecer para a formação da criança, em relação ao pensamento crítico e questionador frente ao que lhe é imposto.

A Inserção da Criança no Meio Social

Em “O Instinto da Linguagem”, Steven Pinker trata a linguagem como fundamental para o desenvolvimento social da criança, contemplando vários pontos interessantes que contribuem com o projeto. Esse instinto, como expõe o autor, acompanha indagações básicas de qualquer adulto: “Por que sorrimos quando estamos contentes e não franzimos as sobrancelhas? Por que não conseguimos falar com uma multidão da mesma maneira como conversamos com um amigo?” (PINKER, 2002, p. 12-13).

Inúmeras situações explicitam a diferença da linguagem entre adultos e crianças; estas se baseiam na identificação com as pessoas que as cercam. O autor, entretanto, discorda da generalização de que a criança aprende a língua imitando a mãe, por exemplo: “quando uma criança diz *Eu se sentei!* ou *Eu não cabo aí dentro*, certamente não é uma imitação” (PINKER, 2002, p. 14). Segundo Pinker, a fala é um sistema de grande beleza e riqueza e, para chegar a esse ponto de vista, vale a experimentação de desconstruir em fragmentos a fala infantil. É uma maneira de compreender esse mundo mais especificadamente, carregado de sentidos, os quais não fazem, em seu todo, sentido para os adultos, com exceção de conhecimento mais aprofundado de suas pequenas partes.

A criança começa a perceber o mundo com os brinquedos e as brincadeiras, desenvolvendo seus primeiros raciocínios, suas primeiras conceituações dos vários aspectos da vida, sejam eles sociais, psicológicos, artísticos, filosóficos.

Rego explica que, quando a criança começa a sua vida em um meio social, o pensamento e a linguagem se encontram e originam seu modo psicológico de perceber as

coisas, ou seja, a conquista da linguagem marca o início de seu desenvolvimento. Vygotsky (*apud* REGO, 1995) afirma que as crianças providenciam instrumentos que solucionam tarefas difíceis e abandonam sua ação impulsiva de resolver os problemas, planejando a solução desses antes da execução.

Segundo a autora, a maneira como a criança começa seus contatos sociais é utilizando a fala, logo, o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação. Contudo, explica Rego (1995, p. 64), antes de a criança aprender a falar, ela “demonstra uma ‘inteligência prática’ que consiste na sua capacidade de agir no ambiente e resolver problemas práticos” com o auxílio de objetos, como, por exemplo, subir em um banco para pegar alguma coisa, sem o intermédio da linguagem. Segundo Vygotsky: “é o estágio pré-lingüístico do desenvolvimento do pensamento” (*apud* REGO, 1995, p. 64).

Segundo a autora, com oportunidades de diálogo com a criança, os adultos, além de interpretarem gestos e expressões dos pequenos, eles também os inserem no mundo simbólico da sua cultura. E é aí que começam as restrições e os bloqueios da sua criatividade. Complementa que, à medida que a criança dialoga com os indivíduos de sua cultura, ela aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento, começando a comunicar-se para expressar o que pensa verbalmente e com falas racionais (REGO 1995).

Consistindo os brinquedos como os primeiros instrumentos de comunicação da criança com a sociedade e como “a comunicação constrói a realidade” (GUARESCHI, 1999, p. 135), torna-se comprometedor com a formação cultural da criança a maneira como os brinquedos interagem com os seus primeiros pensamentos.

Cabe acrescentar a crítica de Roland Barthes aos brinquedos modernos, que não permitem às crianças um espaço para criação, como justificativa de projetar um brinquedo que explore invenção e criatividade: “ela não inventa o mundo, utiliza-o” (BARTHES, *apud* WEISS, 1989, p. 27).

O “Mamanhês”

Em “O Instinto da Linguagem”, Steven Pinker diz que não são os pais que ensinam a língua aos filhos. As “aulas”, segundo Pinker, que algumas pessoas acham que os pais dão para os filhos, são denominadas *Motherese* em inglês (ou, em francês: *Mamanaise*), o que é traduzido como “Mamanhês”. Explica: essas “aulas” são repetições de situações simples, como: “Olhe o *cachorrinho!* Está vendo o *cachorrinho?* Aquilo é um *cachorrinho!*” (PINKER, 2002, p. 39). E faz analogia da crença que o mamanhês é essencial para o desenvolvimento da linguagem como acontece com os *yuppies*, os quais, para seus bebês encontrarem suas mãos mais rápido, compram luvinhas com alvo em lojas de material educativo.

Steven Pinker levanta essa questão baseado em fatos de outras culturas, as quais têm o costume de ensinar coisas distintas às suas crianças e nem por isso estas deixam de aprender o que outra cultura ensina. O autor sublinha ainda que, em muitas comunidades do mundo, os pais não educam seus filhos com mamanhês. Nem mesmo, continua Pinker, falam com as crianças antes que elas tenham domínio lingüístico. Ele defende a proposição de que ninguém é certo ou errado na forma como educa suas crianças. Entretanto, critica o mamanhês. Ele sublinha essa colocação no sentido de dar crédito às próprias crianças sobre o que aprendem, quando explica que as crianças sabem coisas que não poderiam ter sido ensinadas.

Trata-se esse de um ponto chave para não desenvolver mais um projeto de brinquedo educativo em que a criança tem o dever de designar as coisas corretamente, porque, como foi descrito anteriormente, isso já é trabalhado pela criança na observação do meio em que vive. O que vale pensar a mais sobre esse futuro brinquedo caminha em outra direção, na de acrescentar a ele aquilo que os adultos costumam bloquear na criança: sua capacidade de invenção e criação puras, sem contrapartida com alguma responsabilidade social ou política ou qualquer outra que pode censurar a expressão na linguagem. Pinker suspeita que o pensamento infantil desenvolve-se de modo tão literal quanto as histórias que usam do *non-sense* como referência.

Os Estágios do Desenvolvimento da Linguagem

De maneira mais tangível, Vygotsky, segundo Rego, explica os estágios do processo do uso da linguagem como instrumento de pensamento de acordo com uma trajetória dinâmica e não-linear. Inicialmente, a criança utiliza a fala como necessidade de comunicação para resolver um problema: para alcançar um brigadeiro que se encontra sobre a geladeira, por exemplo, cita o autor, a criança faz apelos verbais a um adulto. Vygotsky (*apud* REGO, 1995, p. 66) chamou essa fala de “discurso socializado”, pois, sublinha Rego, essa fala não é ainda utilizada como instrumento do pensamento, ela não é planejada seqüencialmente, mesmo com as múltiplas funções diante do problema encontrado pela criança.

Aos poucos, cita a autora, a fala socializada é “internalizada”, ou seja, a criança tenta resolver a questão sozinha; é o chamado “discurso interior”. Define Rego que é como se a criança falasse para si mesma (sem vocalização), como no exemplo: “Preciso arrumar um jeito de alcançar esse doce. Preciso de uma escada ou um banco” (REGO, 1995, p. 66). Desse modo, a fala vem antes da ação.

No aprendizado da linguagem, a criança passa a “planejar uma ação futura, a criança consegue ir além das experiências imediatas.”(REGO, 1995, p. 66). Vygotsky, expõe Rego, defende que há um tipo de fala intermediária que funciona de transição dos dois discursos: o socializado e o interior. Nesse estágio a criança fala alto, mas não se dirige a ninguém. Por exemplo: “Como eu posso pegar aquele brigadeiro que está tão longe? Ah... já sei! Vou subir na mesa!” (REGO, 1995, p. 67).

Analisando a “função planejadora da fala”, Vygotsky (*apud* REGO, 1995, p. 67-68) parte de uma analogia da fala das crianças enquanto desenhavam: enquanto as crianças menores tendem a nomear seus desenhos após percebê-los finalizados, a fim de ter a liberdade de decisão do que os desenhos serão posteriormente à atividade; as crianças um pouco mais velhas decidem o que será seu desenho quando esse ainda está em processo; e ainda mais tarde, as crianças decidem previamente o que desenharão. Neste último caso, a fala, segundo a autora, é anterior à atividade, portanto, dirige a ação. É considerada uma perspectiva esboçada da ação, a qual se faz por domínio da linguagem e proporciona à criança uma organização do seu modo de agir e pensar.

Considerações Finais

Diante do exposto, evidencia-se que a necessidade de comunicar e de pensar sobre o que é comunicado ao indivíduo, cada vez mais deve ser evidenciada nos instrumentos de seu desenvolvimento. Ao educar uma criança, devem-se mostrar ideologias para que ela tenha a liberdade de criticar, porém com consciência das conseqüências de suas críticas.

Ao brincar, a criança deve ser estimulada a pensar sobre as coisas, a se comunicar de maneira responsável, porém inventiva, sem bloquear sua capacidade de intervir no mundo e sem medo de ser novidade particular de pensamento.

Conclui-se que a aplicação de objetos que estimulem a criatividade, o pensamento crítico e a responsabilidade de selecionar alternativas conscientemente, no desenvolvimento da linguagem infantil, auxilia o desenvolvimento da criança como um todo, como um indivíduo sem medo de expor à sociedade suas idéias.

Referências

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

PINKER, Steven. **O Instinto da Linguagem**: como a mente cria a linguagem. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**, uma perspectiva histórico-cultural na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WEISS, Luise. **Brinquedos e Engenhocas**: atividades lúdicas com sucata. São Paulo: Scipione, 1989.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.